

ESTRATÉGIAS CONGNITIVAS DE ENSINO, LEITURA E ESCRITA

Marizete Liamar Grando Garcia (UERJ)¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho consiste em compreender e interpretar estratégias de leitura e produção textual sob a perspectiva do processamento cognitivo do texto literário (DIJK, 1980), evidenciando alguns aspectos do ensino e da leitura no contexto universitário. Como suporte metodológico, o discurso acadêmico desenvolvido em sala de aula é apresentado como exercício estratégico no sentido de estar relacionado a um processo composicional dinâmico, dirigido por objetivos ligados a estágios de compreensão e criação textual.

Palavras-chave: Cognição; Ensino; Leitura; Literatura.

Introdução

Assumindo a perspectiva textual interacionista sociodiscursiva, as aulas ministradas na Oficina de Revisão de Texto, disciplina do curso de Letras – UERJ, no ano de 2016, seguiram a perspectiva teórica proposta por Schneuwly e Dolz (2004). Com isso, apresentam-se dados obtidos na prática docente, os quais focalizam a temática da produção de textos acadêmicos como partes de um processo de comunicação e interação social e não apenas como uma atividade a ser avaliada no fim do semestre.

Para a reflexão de aspectos que envolvem o processamento cognitivo do discurso literário, o estudo realizado por Teun A. Van Dijk (1980), em *El procesamiento cognoscitivo del discurso literario*, norteia a análise de alguns elementos ligados à leitura e ao processamento discursivo da crônica, cuja elaboração foi construída dinamicamente a partir dos modelos mentais subjetivos dos participantes do discurso, os quais estão relacionados ao contexto acadêmico. Nesse sentido, são enfatizadas estratégias de leitura e de compreensão na recepção do discurso literário, por intermédio dos modelos de contexto dos alunos-autores e da docente-pesquisadora.

Este estudo adota planos de aulas e análise temática das crônicas escritas. Primeiramente, no que tange às estratégias de ensino, por meio de aulas práticas e interativas, o ensino, a leitura e a produção textual são concebidos como processos dialógicos. Posteriormente, na recepção dos textos literários, além da interpretação semântica local e global das sequências de frases textuais, o aluno-leitor também atribui as chamadas “superestruturas esquemáticas das estruturas narrativas”, expressas em

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado de São Paulo (USP) e Pós-doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: marigrando.garcia@gmail.com.



histórias (ou relatos) (DIJK, 1980, p. 10). Com a união desses dois estratos, o discurso de ficção é analisado em sua forma, ligada ao gênero e em seu conteúdo, relacionado aos contextos cognitivos dos leitores e dos produtores.

Segundo Kleiman (2002, p. 19), ensinar a compreender um texto escrito “é papel do educador, significa lidar com a complexidade do ato de compreender e a multiplicidade de processos cognitivos que constituem a atividade em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto escrito”. Mas, em meio a tantos dizeres, tantas propostas e opiniões, é sempre necessário reforçar que a constituição de sujeitos aptos a ler e a escrever não depende unicamente do professor, mas também de como esse aluno é inserido nas relações sociais que se estabelecem pela interação entre autor e leitor.

Processamento cognitivo do discurso literário

Bakhtin ressalta que a língua materna é aprendida “mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam”. Graças à sua natureza sociocomunicativa, a heterogeneidade dos gêneros do discurso abrange também a representação do diálogo cotidiano - com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição. Por esses aspectos, nossa relação histórica com a linguagem nos possibilita o aprendizado da língua em situações concretas de uso: “Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas” (BAKHTIN, 1997, p. 301-302).

Em continuidade, o teórico da linguagem ressalta que, quando o conhecimento adquirido com o uso da língua nos permite planejar o nosso discurso de acordo com a sua função, somos capazes de selecionar o léxico, organizar sintaticamente os enunciados. A partir desses aspectos inerentes ao processo enunciativo, os “gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas) (BAKHTIN, 1997, p. 302).

No processo de criação narrativa, Todorov (1978, p. 47), por sua vez, caracteriza os gêneros como um sistema que funciona como “horizonte de espera” para os leitores, e como modelos de escrita” para os autores, por exemplo, as variáveis como a temática, a finalidade, a estrutura ou a forma definem os elementos constitutivos de cada texto. Nesse sentido, por serem definidos por quem planeja a escrita, ou seja, por um escritor



que organiza enunciados, “os gêneros (literários) têm origem pura e simplesmente no discurso humano” (TODOROV, 1978, p. 62).

Portanto, enquanto representação discursiva, os gêneros relacionam-se com um “tempo” narrado (que apresenta a cronologia como elemento composicional) e um “tempo” histórico (compartilhado pelos leitores contemporâneos ao escritor). É por isso que os gêneros seguem uma convenção discursiva histórica e se modernizam dentro dos contextos político, social e cultural em que aparecem. Cabe ao leitor-escritor o papel de transformar e combinar gêneros anteriores em cada discurso.

No que tange às temáticas comumente relacionadas ao cotidiano do escritor, pode-se dizer que a crônica constrói um sistema de representação que aproxima os interlocutores e os discursos. Por um lado, o processo composicional confere ao escritor o papel de reconstrutor de eventos fixados em um tempo, a partir de modelos de escrita relacionados ao gênero escolhido. Por outro lado, pelo ato de recepção, o leitor interpreta os conteúdos e atribui significados. Essa relação representa o que Todorov (1978) denomina de horizonte de espera e o que Neves (1992) define como cumplicidade:

Pela ‘cumplicidade lúdica’, enfim, que estabelece entre autor e possível leitor no momento de sua escrita e que parece reproduzir-se entre historiador e o tempo perdido em busca do qual arriscamos nossas interpretações, ainda que ancorados em nosso tempo vivido (NEVES, 1992, p. 82).

A fim de exemplificarmos como ocorre essa cumplicidade no processo de escrita, apresentamos alguns exemplos representativos e comuns às crônicas escritas durante um semestre letivo, cujos elementos constitutivos, que englobam estrutura e conteúdo, foram definidos em processo interativo e dinâmico, envolvendo locutor e interlocutor. Ao adotar tipologias predominantemente narrativas e descritivas, os autores apresentam elementos como espaço, tempo, personagens, e aspectos descritivos que caracterizam essas particularidades estruturais.

Essas crônicas são produzidas em um processo que começa em sala de aula, por intermédio do estudo do gênero, da temática, dos aspectos estilísticos e gramaticas – exemplificados a partir de excertos dos textos dos alunos. Depois das aulas, as novas versões, sempre anônimas, são enviadas ao correio eletrônico da turma e podem ser lidas, revisadas e interpretadas mediante uma identificação numérica. Essa ferramenta tecnológica garante maior dinamismo à produção literária, portanto, graças à participação



dos leitores que ocupam o papel de interlocutores, os textos passam a assumir características de hipertexto.

Segundo Bolter (1991, p. 10), o hipertexto caracteriza-se como um processo de escritura e leitura ligado ao meio eletrônico, por isso assume características multilinearizada, multisequencial e indeterminada, que, para o autor, introduz um novo ‘espaço de escrita’, que ele denomina como “escrita eletrônica”, tendo em vista a tecnologia de base.

“Com o hipertexto, muda a noção de autor e de leitor, dando a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de coautoria. A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação” (MARCUSCHI 1999, p.4). É por isso que o leitor exerce influência sobre o processo de escrita e, por isso, assume o papel de colaborador.

Assim, as crônicas configuram relatos literários produzidos com propósitos expressivos e estéticos em um contexto comunicativo específico, a prática da escrita em comunidade epistêmica comum ao produtor e ao receptor. Enquanto manifestação discursiva, as crônicas contemplam eventos interativos (plano social) e englobam uma situação comunicativa dinâmica complexa (plano cognitivo). Nesse sentido:

Estudar o texto no discurso equivale a postular um sujeito produtor, um sujeito destinatário e a necessária relação de interação entre eles. Esta relação se situa em uma conjunção ou reunião de diversos tipos de contextos (social, situacional e cognitivo). (CHUMACEIRO, 2001, p. 23, tradução nossa).

Nesse processo de enunciação, as memórias episódicas engajadas garantem dinamismo à atividade de produção textual. Em “Contexto e Cognição”, Dijk (2012, p. 87-158) trata de modelos de contextos baseados na experiência diária, acionados na memória episódica dos interlocutores durante o processo interacional de produção e de compreensão de textos.

Nesta análise, os modelos de contexto são focalizados por intermédio do processamento discursivo que enfatiza a intervenção do revisor, que ocupa o papel de leitor e de colaborador no processo de recepção textual. Como algumas estruturas composicionais da crônica, por exemplo, são descritas pelas representações subjacentes ao texto e às situações discursivas nele referenciadas, entendemos que a definição do sentido confirma que essa perspectiva da “teoria do modelo psicológico é semântica, não



pragmática” (DIJK, 2012, p. 89). Por isso, merecem destaque algumas estratégias textuais utilizadas pelos autores das crônicas, no intuito de, possivelmente, direcionar o leitor ou de destacar alguns caminhos para a recepção do texto literário. Pensando nessa interlocução:

Seus autores pressupõem grandes quantidades de ‘conhecimentos de mundo’, e os leitores constroem, assim, modelos mentais dos eventos sobre os quais estão lendo, ativando partes relevantes desse conhecimento, e então preenchem o modelo com a informação que está implicada ou pressuposta no texto (DIJK, 2012, p. 97).

Essa ênfase dada à análise semântica nos permite destacar algumas estruturas específicas do discurso, tais como os conteúdos que se remetem ao conhecimento geral de algumas situações sociais, as quais possivelmente são conhecidas pelos participantes do discurso. Segundo Dijk (2012, p.118): “O que é ‘comunicativamente relevante’ nessas situações são o tipo de informação que se ajusta ao modelo de contexto e suas categorias social e culturalmente compartilhadas”.

Já a identificação dos tópicos e dos subtópicos possibilita o levantamento de hipóteses: graças à memória de curto prazo (Short Term Memory – STM, segundo Dijk), suposições rápidas e inferências são feitas em vez de análises completas. Dito de outra maneira, o texto é recuperado por meio do contexto em que foi escrito e, portanto, possui um projeto de intenção e interação que o torna discurso, o que é definido por Maingueneau (2006, p. 43) como a própria “atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”, a qual é realizada por sujeitos inscritos em contextos sócio-históricos específicos.

A partir de resultados apresentados por Teun A. Van Dijk, em *El procesamiento cognoscitivo del discurso literario* (1980), aplicamos o método analítico da psicologia cognitiva para o estudo de alguns aspectos semânticos que envolvem o processamento discursivo da crônica. Esse gênero, construído dinamicamente por modelos mentais subjetivos dos participantes, tem seu processo de produção e de compreensão relacionados ao contexto acadêmico. Por esse motivo, são enfatizadas estratégias de leitura e de compreensão na recepção do discurso literário, a partir dos modelos de contexto dos participantes do discurso, tendo em vista que "os modelos de contexto



organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global" (DIJK, 2012, p. 107).

No processamento dos elementos que compõem a crônica, na leitura de episódios que se remetem ao cotidiano, a compreensão ampla requer que o leitor realize interpretações contextualizadas. Assim, gradualmente, é construída uma representação conceitual ou semântica do texto na memória: a informação "estrutural superficial", por exemplo, a morfofonológica e a sintática do texto, primeiramente ligada à memória de curto prazo, "se traduz" ou "se transforma" em significados que são representados cognitivamente em termos de "conceitos" (DIJK, 1980, p. 6).

Além da memória de curto prazo, a análise do discurso literário também requer a ativação da memória de longo prazo, por isso, a compreensão conceitual do discurso ocorre em várias fases e vários níveis. Se por um lado "a memória de curto prazo, que tem uma capacidade limitada, é o local no qual se analisa e interpreta todas as informações assimiladas através de nossos diferentes sentidos" (DIJK, 1980, p. 6), a memória de longo prazo, por outro lado, garante ao leitor a compreensão de informações que se remetem ao conhecimento geral adquirido ao longo do tempo, por intermédio do armazenamento de informações registradas na memória de curto prazo, ou na memória episódica.

Na recepção do texto literário, além de interpretação semântica local (com a interpretação de orações e atribuição de coerências entre orações sucessivas) e global das sequências de frases textuais (cada uma ligada à totalidade textual, abrangendo tema, assunto e sentido), o leitor também precisará atribuir as chamadas "superestruturas esquemáticas das estruturas narrativas", expressas em histórias (ou relatos) (DIJK, 1980, p. 10). Com a união desses três aspectos, o discurso de ficção pode ser analisado em sua forma, ligada ao gênero e em seu conteúdo, relacionado aos contextos cognitivos.

No processo rápido e dinâmico que é o ato de leitura, uma das formas que o sujeito da enunciação encontra para orientar o interlocutor na compreensão do seu discurso pode consistir na apresentação do título como eixo norteador. Essa impressão de parte do texto em uma posição saliente garante um processamento com tempo extra ou recursos de memória de curto prazo, assim, servindo de guia para o processamento mais detalhado e para melhor compreensão e lembrança dos eventos posteriormente apresentados.

Na estrutura superficial da crônica, as iniciais maiúsculas, como marcas dos nomes próprios - sejam eles como destaque para as personagens ao aos espaços onde ocorrem as



ações -, e a pontuação - como ênfase a frases curtas e a diálogos -, também funcionam como categoria de texto convencional para a expressão de macroestruturas semânticas, ou tópicos, que organizam estruturas semânticas. Tal estratégia discursiva, embora seja considerada comum aos mais variados tipos de texto, pode afetar a gestão da estratégia de ativamento da memória de curto prazo, fazendo com que o leitor preste mais atenção em algumas particularidades de informações do que em outras.

As marcas de revisão, como processo interativo visivelmente destacado na crônica, configuram um modelo de contexto compartilhado e mediado por situações comunicativas que estabelecem sentido pelos participantes do discurso.

Na atribuição de sentido às informações lidas, segundo Teun Van Dijk (1987, p. 187),

os processos de compreensão têm uma natureza estratégica, pois, muitas vezes, a compreensão utiliza informações incompletas, requer dados extraídos de vários níveis discursivos e do contexto de comunicação e é controlada por crenças e desígnios variáveis de acordo com os indivíduos.

No discurso acadêmico desenvolvido em sala de aula, esse exercício de escrita é estratégico no sentido de estar relacionado a um processo composicional dinâmico, dirigido por objetivos ligados a estágios de criação textual. Em cada versão do texto, tanto a escrita quanto a reescrita pelo locutor, ou ainda aquela traduzida e interpretada pelo interlocutor, são caracterizados alguns níveis de estrutura de discurso.

De modo a organizar o discurso literário, a estrutura esquemática da crônica é apresentada na medida em que os relatos revelam especificidades dessa estrutura narrativa. Pela voz e pelo ponto de vista da personagem principal, por exemplo, torna-se possível observar que essas estruturas compreendem uma sequência hierárquica de categorias esquemáticas, por exemplo: a) ambiente; b) complicação; c) relato; d) desfecho.

Segundo Dijk, no texto literário, os limites semânticos para as categorias esquemáticas funcionam no nível global da macroestrutura. Por exemplo, a compreensão do conflito relatado na crônica (categorias “b” e “c” da estrutura narrativa) requer a apresentação de um “fragmento como totalidade”, ou seja, “uma macroproposição”, que “denote uma ação específica de um ser humano” (DIJK, 1980, p. 11).



Nesse sentido, o pano de fundo do texto literário frequentemente traz o contexto sociocultural impressos no espaço e na temática do texto, o que se remete à própria natureza do gênero crônica. Por isso, seu significado possui uma base cognitiva comum, ou seja, os contextos cognitivos são compartilhados na memória de longo prazo dos participantes do discurso.

Considerações finais

Tendo sua origem relacionada ao cotidiano, a crônica constrói um sistema de representação que possibilita aos participantes do discurso, escritor e leitor, uma ligação de cumplicidade graças aos contextos cognitivos compartilhados. Nas atividades de interlocução, que se relacionam ao processamento discursivo, o escritor ocupa o papel de reconstrutor de eventos fixados em um tempo, a partir de modelos de escrita relacionados ao gênero escolhido, cujos significados são atribuídos pelo leitor.

Este artigo, ao se propor a refletir sobre o processo de escrita do gênero crônica, pode ser um exemplo para atividades de leitura e produção de texto, nos mais diversos níveis de ensino. O planejamento, a escolha do gênero e do conteúdo representados são etapas que envolvem o processamento discursivo e estão relacionadas aos modelos de contexto do sujeito da enunciação. A semântica, aliada aos componentes gramatical e ao literário, pode, portanto, ser muito profícua para a evidenciação dos sentidos possíveis na leitura, na escrita, na revisão e na interpretação de textos literários.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOLTER, Jay David. *Writing Space. The computer, hypertext, and the History of Writing*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

_____. *Writing Space: computers, hypertext, and the remediation of print*. 2. ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

CHUMACEIRO, IRMA. *Estudio lingüístico del texto literario. Análisis de cuatro relatos venezolanos*. Caracas: Fondo Editorial de Humanidades y Educación Universidad Central de Venezuela, 2001. pp. 216.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas, Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 3, p. 21-45, 1999.

NEVES, Margarida de Souza, "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas". In: *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas/ Rio de Janeiro: Ed. Da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 75-92.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos do discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso* Lisboa: Edições 70, 1978.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012. p. 330

_____. El procesamiento cognoscitivo del discurso literario. Teun A. van Dijk. In: *Acta Poetica (Universidad Nacional Autónoma de México)*, 2/1980, pp. 3-26. Disponível em: <<http://www.discursos.org/oldarticles/El%20procesamiento%20cognoscitivo%20del%20discurso%20literario.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

_____. "Episodic models in discourse processing". *Comprehending oral and writing language*. N. J Academic Press, 1987, pp. 165-87.